

## Inhotim expõe obras de Mestre Didi e Mônica Ventura

*Como parte do programa artístico 2023, duas novas exposições são abertas no Inhotim e trazem questões da ancestralidade e da religiosidade de povos afro-indígenas*

**Brumadinho, MG** – O Instituto Inhotim inaugura mais duas exposições temporárias, a partir do dia 27 de maio, sábado, na Galeria Praça. **Mestre Didi – "os iniciados no mistério não morrem"**, com curadoria de Igor Simões, curador convidado, e da equipe curatorial do Inhotim, e **A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio**, de Mônica Ventura, dialogam com questões da ancestralidade e da religiosidade de povos afro-indígenas. As exposições contam com o Patrocínio Master da Shell por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

*A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio* foi comissionada pelo Inhotim para ocupar o vão central da Galeria Praça, umas das mais visitadas no museu e jardim botânico. A obra se destaca, à primeira vista, por sua escala: são aproximadamente 4 metros de altura e 9 metros de largura. Mônica Ventura (São Paulo, 1985) traz uma proposta de olhar o entorno e a potência local, fazendo uso da terra da região na construção da obra – a parede, o leito e a escultura são feitas desse elemento. “*A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio* apresenta uma escala que não é humana e, ao mesmo tempo, que não é arquitetura, mas nos confronta. A proposta é contemplar essa instalação que nos olha. Quem observa quem?”, questiona a artista.



▲  
Mônica Ventura. Crédito da foto: Renato Mangolin



Clique [aqui](#) para acessar mais imagens

Neste trabalho, Mônica Ventura faz alusão a diferentes práticas religiosas de matrizes ancestrais, e o público é convidado a desvendar as camadas da instalação, cuja forma se associa aos *zangbetos*, espíritos ancestrais cultuados em algumas religiões no Golfo do Benim, responsáveis pela proteção e afastamento de males, e também aos *praiás*, elementos fundamentais da cosmologia Pankararu, povo originário brasileiro cujo território tradicional se encontra próximo ao rio São Francisco. Para os Pankararu, os *praiás* marcam a presença dos Encantados, entidades vivas ligadas diretamente ao plano espiritual. Ambos são manifestados por meio da dança e do uso de um tipo de máscara de corpo inteiro feita em palha. Nos dois casos, quem ocupa aquele corpo persiste como incógnita; ele observa, mas não pode ser observado.

Como um invólucro feito de palha, a instalação possui uma abóbada de cor azul e a sua base de terra afixada no chão se assemelha a uma Yoni, forma que remete ao feminino e cujo significado do termo, em sânscrito, refere-se às noções de “passagem divina” ou “fonte de vida”. Já a escultura em si remete a *Lingam*, símbolo fálico que remete ao masculino. A combinação entre as duas formas, se vista de cima, faz referência a Shiva Lingam, a síntese das energias do universo. “A parte central da Galeria Praça é um espaço extremamente desafiador para se trabalhar. Ele não é um cubo branco, mas também não é uma área ao ar livre. E Mônica buscou uma composição que articula e mobiliza tanto o espaço arquitetônico, quanto o jardim ao redor”, explica Lucas Menezes, curador assistente do Inhotim.

Adentrando o universo múltiplo de Deoscoredes Maximiliano dos Santos (1917-2013), Mestre Didi, a exposição *Mestre Didi – “os iniciados no mistério não morrem”* exhibe cerca de 30 obras do artista, feitas em consonância com a sua atividade de liderança religiosa no Candomblé e pertencentes à Coleção do Instituto Inhotim. Seu título, de acordo com o curador convidado Igor Simões, é um trecho de uma cantiga entoada durante as cerimônias fúnebres de um Ojé, sacerdote da tradição Egungun. As obras expostas são feitas, em geral, de fibras do dendezeiro, búzios, contas, sementes e tiras de couro, com a presença de símbolos que remetem às tradições iorubá.

“Como parte de sua programação, o Instituto Inhotim tem exibido suas recentes aquisições, com foco na produção de autoria negra. As obras do Mestre Didi presentes na mostra ratificam a missão da instituição de compartilhar essa produção com o grande público, sempre em diálogo com as discussões presentes no campo da arte”, destaca o curador assistente do Inhotim, Deri Andrade.

A exposição convida o público a conhecer outras dimensões de Mestre Didi, sobretudo para a cultura brasileira. Além de sua atuação no campo cultural, Mestre Didi foi sacerdote supremo - também conhecido como Alápini - do culto aos ancestrais Egungun, tendo fundado em Salvador, em 1980, a Sociedade Religiosa e Cultural Ilê Asipá. Na mostra, todas essas vivências da trajetória de Mestre Didi - a intelectualidade, a espiritualidade e o sagrado - estão registradas, ademais as esculturas, a partir do acervo da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB), com uma série de documentos e imagens cedidos gentilmente pela cantora e bailarina Inacyra Falcão, uma das filhas de Mestre Didi. Outro aspecto abordado na mostra é a presença feminina na trajetória do artista.

"Os mistérios do Mestre Didi partem das peças e se estendem para suas várias existências como Alápini, escritor, tradutor, educador, intelectual e sua presença indissociável na manutenção dos saberes que uniram as águas do Atlântico na experiência afro-diaspórica, que extrapola os limites do país e se expande para um domínio que vai além do territorial", complementa o curador Igor Simões. *Mestre Didi – "os iniciados no mistério não morrem"* apresenta também alguns trabalhos que se relacionam com a obra do artista como Rubem Valentim e Ayrson Heráclito, com a videoarte *Ijó Mimó* (2019), além de comissionamentos do Ilê Asipá, que esteve em diálogo com a curadoria desde o início da pesquisa ocorrida em viagens a Salvador.



◀ Mestre Didi, *EYE NLA AGBA*,  
*Grande Pássaro Ancestral*, década de 1980.  
Crédito: Divulgação/Inhotim



Clique [aqui](#) para acessar mais imagens

Para Glauco Paiva, gerente executivo de Comunicação e Responsabilidade Social da Shell Brasil, “Na Shell temos como pilares para patrocínios culturais a diversidade e inclusão como atributos centrais. Apoiar Inhotim e, em especial, as exposições que evocam o protagonismo de povos afro-indígenas em nossa cultura, fortalecem nosso compromisso em construir e consolidar esses pilares junto à sociedade brasileira.” Lembrando que a companhia ocupa atualmente o segundo lugar entre as maiores patrocinadoras de cultura no país por meio de verba incentivada.

*Mestre Didi – "os iniciados no mistério não morrem"* e *A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio* fazem parte do **Programa Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra**. A convite da curadoria do Instituto Inhotim, Igor Simões assinará, além desta exposição de Mestre Didi, um conjunto de curadorias na instituição ainda em 2023, integradas ao Programa Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra.

## **Sobre Mônica Ventura**

Mônica Ventura nasceu em 1985 em São Paulo, onde vive e trabalha. Artista visual e designer com bacharelado em Desenho Industrial pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) - São Paulo. Mestranda em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP - São Paulo. Atualmente, pesquisa filosofias e processos construtivos de arquitetura e artesanato pré-coloniais (Continente Africano - Povos Ameríndios - Filosofia Védica). Utiliza essa investigação para a elaboração de práticas artísticas geradas a partir de experiências pessoais. Suas obras falam sobre o feminino e racialidade em narrativas que buscam compreender a complexidade psicossocial da mulher afrodescendente inserida em diferentes contextos. Mulher negra, entoa sua memória corporal friccionando-a em sua ancestralidade a partir de histórias de sua vida e pesquisas. Com sua produção artística leva também o seu corpo a ocupar espaços socialmente interditados. Em suas obras há um interesse especial pela cosmologia e cosmogonia afro-ameríndia para além do uso dos seus objetos, símbolos e rituais.

## **Sobre Mestre Didi**

Deoscoredes Maximiliano dos Santos (Salvador, Bahia, 1917-2013), mais conhecido como Mestre Didi, foi um sacerdote-artista, filho de Arsênio dos Santos, um grande alfaiate baiano, e de Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida como Mãe Senhora por seu papel de Ialorixá no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador. Didi começou ainda na infância a executar objetos rituais associados ao Candomblé, mantendo essa prática ao longo de toda sua vida. Ao mesmo tempo, iniciou-se na religião aos oito anos de idade, aprofundando-se no culto aos Egunguns (ou Ancestrais), parte essencial da cultura nagô de origem iorubana. Em suas peças, fibras do dendezeiro, contas, búzios, tiras de couro, emblemas dos orixás Nanã, Obaluayê, e Oxumarê, reapresentados no campo semântico da arte e, como tal, esgarçando práticas que nem sempre cabem na palavra. Entre a década de 40 e 90, Mestre Didi se posiciona como um intelectual afro-atlântico, e em sua produção estarão presentes traduções do Iorubá para o português, autos coreográficos, contos e escritos que o posicionam como figura incontornável na guarda e na difusão dos saberes da diáspora africana, não apenas no Brasil, como entre as Américas e Europa. Em 1966, viajou para a África Ocidental para realizar pesquisas comparativas entre Brasil e África, contratado pela Unesco. Em 1980, fundou e presidiu a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá do culto aos ancestrais Egun, em Salvador. Foi coordenador do Conselho Religioso do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, representando no país a Conferência Internacional da Tradição dos Orixás e Cultura. Mestre Didi realizou importantes mostras individuais e coletivas em instituições como Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Afro Brasil, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu Oscar Niemeyer, Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu Histórico Nacional e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, além de participar na Bienal da Bahia e na 23ª Bienal de São Paulo. No exterior, expôs em Valência, Milão, Frankfurt, Londres, Paris, Acra, Dacar, Miami, Nova York e Washington. Seus trabalhos figuram em coleções de destaque, incluindo Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu de Arte Moderna de São Paulo, e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

## **Sobre o Programa Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra**

Poeta, escritor, dramaturgo, artista visual, curador, professor universitário, pan-africanista, político, a trajetória de Abdias Nascimento (1914-2011) foi trilhada no ativismo e na luta contra o racismo. Entre muitas realizações, Nascimento esteve à frente de duas importantes iniciativas: o Teatro Experimental do Negro (1944-1968) e o Museu de Arte Negra (1950). A primeira foi uma entidade centrada na prática da dramaturgia negra. Fez da atividade cênica um meio capaz de influenciar uma nova geração de cidadãos negros, pela conscientização racial, pela crítica ao etnocentrismo europeu e pela valorização da herança cultural africana. Já o Museu de Arte Negra, iniciativa pioneira à época, reuniu obras de artistas nacionais e internacionais com a missão de divulgar a influência africana na arte moderna ocidental e representar a pluralidade da produção artística da diáspora negra.

Em 2021, ano que marcou os dez anos da perda desse importante intelectual brasileiro, Inhotim convidou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) para uma ação conjunta: ocupar a Galeria Mata, até 2024, com a coleção Museu de Arte Negra. Abdias Nascimento e Elisa Larkin Nascimento criaram o Ipeafro em 1981, com a missão de guardar o acervo artístico e documental de Abdias e das organizações que ele fundou. No intuito de abordar os legados múltiplos de Abdias Nascimento e as questões fundamentais que sua obra e seu pensamento levantam, Inhotim sedia outro museu dentro de si mesmo, colocando em perspectiva as noções de museu, acervos e as redes de convivência nas quais estão embrenhados. A ciclo de exposições Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra ressalta a perenidade desse legado. O projeto se desdobra em quatro atos, valendo-se da coleção Museu de Arte Negra e do acervo documental do Ipeafro. *Sortilégio*, terceiro ato do projeto, tem foco na produção de Abdias como pintor, e na centralidade que as religiões afro-diaspóricas ganham em sua produção. Com as atividades do TEN em decadência, como consequência da conjuntura política do país com a instauração da Ditadura Civil-Militar em 1964, o intelectual enfrentou dificuldades para fazer ressoar suas ideias. Ainda em 1968, por indicação de Judith Gleason, pesquisadora especialista em cultura africana, Nascimento ganhou uma bolsa de dois meses, concedida pela Fairfield Foundation, para encontrar com artistas, intelectuais e ativistas negros dos EUA. No Brasil, a promulgação do Ato Institucional nº 5 forçou o exílio de Abdias, que passa 13 anos entre os EUA e a Nigéria. É nesse período que o terceiro ato se concentra, os anos de exílio de Abdias, onde a maior parte de suas pinturas foram produzidas, e a coleção do MAN ganhou força e cresceu, com obras de artistas a partir das redes de contato que fez ao longo de suas viagens por diferentes países para promover a união dos povos africanos através do mundo.

## **Sobre Igor Simões**

Doutor em Artes Visuais-História, Teoria e crítica da Arte-PPGAV-UFRGS. Professor Adjunto de História, Teoria e Crítica da arte e Metodologia e Prática do ensino da arte (UERGS). Foi curador adjunto da Bienal 12 (Bienal do Mercosul- Curador educativo). Membro do comitê de curadoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas-ANPAP, Membro do Núcleo Educativo UERGS-MARGS. Membro do comitê de acervo do Museu de Arte do RS-MARGS. Trabalha com as articulações entre exposição, montagem fílmica, histórias da arte e racialização na arte brasileira e visibilidade de sujeitos negros nas artes visuais. Autor da Tese *Montagem Fílmica e exposição: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira*. Membro do Flume-Grupo de Pesquisa em Educação e Artes Visuais. Tem mantido atividades na área de formação e debate sobre arte brasileira e racialização em instituições como Museu de Arte de São Paulo (Masp), Instituto Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles, MAC/ USP-Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, universidades do Brasil e exterior. Membro do comitê curatorial do Museu de Arte Contemporânea da USP. Foi curador adjunto da 12ª edição da Bienal do Mercosul e curador da exposição *Presença Negra no Museu de Arte do Rio Grande do Sul*. Integrou o conselho curatorial das exposições: *Social Fabric* (Houston, Dallas); *Empowerment* (Volfsburg- Alemanha). Membro do conselho do AWARE - Archives of Women Artists, Research and Exhibitions (France- EUA), Tempos Fraturados (MAC-USP). Atualmente é curador geral de *Dos Brasis: Arte e pensamento negro*, no Sesc Belenzinho e curador convidado de Inhotim para a temporada 2023 no Programa Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra. É atualmente pós-doutorando em História da Arte, pelo MAC-USP, fellowship no Clark Institut.

## **Sobre a Shell Brasil**

Há 110 anos no país, a Shell é uma empresa de energia integrada com participação em Upstream, no Novo Mercado de Gás Natural, Trading, Pesquisa & Desenvolvimento e no Desenvolvimento de Energias Renováveis, com um negócio de comercialização no mercado livre e produtos ambientais, a Shell Energy Brasil. Aqui, a distribuição de combustíveis é gerenciada pela joint-venture Raízen, que recentemente adquiriu também o negócio de lubrificantes da Shell Brasil. A companhia trabalha para atender à crescente demanda por energia de forma econômica, ambiental e socialmente responsável, avaliando tendências e cenários para responder ao desafio do futuro da energia.

# INHOTIM

---

## SERVIÇO

*Mestre Didi – "os iniciados no mistério não morrem"*

*A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio*

**Data da inauguração:** 27 de maio de 2023, sábado

**Local:** Galeria Praça (G3), Instituto Inhotim

## INFORMAÇÕES GERAIS

**Horários de visitação:** de quarta a sexta-feira, das 9h30 às 16h30, e aos sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17h30.

**Entrada:** R\$ 50,00 inteira (meia-entrada válida para estudantes identificados, maiores de 60 anos e parceiros). Crianças de até cinco anos não pagam entrada.

**Localização:** O Inhotim está localizado no município de Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (aproximadamente 1h15 de viagem). Acesso pelo km 500 da BR381 – sentido BH/SP. Também é possível chegar ao Inhotim pela BR-040 (aproximadamente 1h30 de viagem). Acesso pela BR-040 - sentido BH/Rio, na altura da entrada para o Retiro do Chalé.

### Opções de transporte regular:

Transfer – a Belvitur, agência oficial de turismo e eventos do Inhotim, oferece transporte aos sábados, domingos e feriados, partindo do hotel Holiday Inn Belo Horizonte Savassi (Rua Professor Moraes, 600, Funcionários, Belo Horizonte). É preciso comparecer 15 minutos antes para o procedimento de embarque e conferência do voucher. Veja mais informações sobre o transfer [clcando aqui](#). Ônibus Saritur – saída da Rodoviária de Belo Horizonte de terça a domingo, às 8h15 e retorno às 16h30 durante a semana e às 17h30 aos fins de semana e feriados. R\$ 51,75 (ida), R\$ 46,05 (volta), R\$ 97,80 (ida e volta).

### Inhotim Loja Design

A loja do Inhotim, localizada na entrada do Instituto, oferece itens de decoração, utilitários, livros, brinquedos, peças de cerâmica, vasos, plantas e produtos da culinária típica regional, além da linha institucional do Parque. É possível adquirir os produtos também por meio da [loja online](#).

## INFORMAÇÕES À IMPRENSA

Amanda Viana | [amanda.viana@inhotim.org.br](mailto:amanda.viana@inhotim.org.br) | + 55 (31) 99764-6440

INHOTIM

Rua B, 20, Inhotim  
Brumadinho, MG, Brasil  
+55 (31) 3571-9700

[www.inhotim.org.br](http://www.inhotim.org.br)